

# **O HIPERTEXTO COMO MEDIADOR DO INCENTIVO À LEITURA: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA PERMEADA PELO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

**COSTA**, Cleide Selma Santos.

[cleidelittle@hotmail.com](mailto:cleidelittle@hotmail.com)

**NEVES**, Cristina Coutinho Pereira.

[ccpneves@hotmail.com](mailto:ccpneves@hotmail.com)

**SANTOS**, Roberta Priscila Canuto.

[rpriscila@hotmail.com](mailto:rpriscila@hotmail.com)

**BERGER**, Maria Amália Façanha. (Orientadora)

Mestre em Educação (UFS); Graduada em Letras Português/Inglês (UFS); Prof<sup>ª</sup> do curso de Letras Português da Universidade Tiradentes – UNIT.

[amaliafberger@yahoo.com.br](mailto:amaliafberger@yahoo.com.br)

## **RESUMO**

Este artigo mostra a importância do conhecimento a respeito do hipertexto, que é um texto suporte que acopla outros textos em sua superfície. Trabalhado na escola pelo professor, que deve desempenhar o papel de mediador e articulador, dá mais sentido ao conhecimento, pois motiva o processo de ensino-aprendizagem ao criar diferentes possibilidades de leitura e de construção do saber. A prática do Hipertexto também possibilita conexões de diferentes campos do conhecimento e provoca a interatividade, fazendo com que o indivíduo repense os conceitos existentes na sua vivência. Através de pesquisa bibliográfica, este estudo analisou a natureza do Hipertexto e algumas de suas potencialidades como ferramenta aplicada às aulas de língua portuguesa, mais especificamente às aulas de leitura e produção textual. Além de trabalhar a criatividade, concluiu-se, também, que a escola desempenha um papel fundamental ao inserir as novas tecnologias da informação e da comunicação nas práticas escolares, pois isso ajuda na formação do indivíduo para o mercado de trabalho e para a vida globalizada.

**Palavras-Chave:** Hipertexto, leitura, novas tecnologias, prática pedagógica.

# **HIPERTEXTO COMO MEDIADOR DO INCENTIVO À LEITURA: UMA PRÁTICA PEDAGÓGICA PERMEADA PELO USO DAS NOVAS TECNOLOGIAS**

## **1. INTRODUÇÃO**

O avanço das novas tecnologias provocou transformações importantes e irreversíveis no meio social. Surgiu um novo modo de pensar e uma necessidade de buscar novas formas de interação com o outro. Mas, para que essa interação ocorra de forma dinâmica e proveitosa, a sociedade tem que compreender as tecnologias disponíveis para utilizá-las da melhor maneira possível.

A inserção do computador nesse processo de comunicação permitiu novas formas de construção textual no meio digital, cada uma com características próprias, cumprindo o seu papel, seja ele social educacional ou cultural. Nesse universo de interação proporcionado principalmente pela internet, surge uma tecnologia de linguagem pluritextual, em que palavras, sons, ícones e diagramas são dispostos em uma mesma superfície, formando um todo significativo. É o hipertexto.

De natureza não-linear, ele permite que o leitor escolha os caminhos a seguir para a construção do seu conhecimento. Para que a leitura aconteça dessa forma, não-linear, o autor disponibiliza “trilhas”, multiplicando as opções do usuário de escolher, analisar, comparar, interpretar realizando tentativas de compreensão, chegando, assim, a uma conclusão do objeto em estudo.

Porém, o ‘hiperleitor’ iniciante tem que tomar cuidado com o acesso ilimitado. Um link leva a outro, que leva a outro e assim por diante. E, nesse excesso de informação o leitor pode ficar totalmente desorientado e perder o foco referente à questão inicial. Entretanto, quando o leitor adquire certa maturidade, ele lança mão de

conhecimentos prévios e consegue verificar de imediato a veracidade do conteúdo acessado. E é nesse estágio que o hipertexto torna-se um espaço virtual e democrático, quando autores e leitores interagem, debatem, defendem suas posições e procuram chegar a um consenso, fazendo do texto eletrônico um lugar de co-produção de sentidos.

O presente artigo teve, portanto, o objetivo de analisar a natureza do Hipertexto e algumas de suas potencialidades como ferramenta aplicada às aulas de língua portuguesa, mais especificamente às aulas de leitura e produção textual, através de pesquisa bibliográfica.

## **2. O Papel da Escola Diante dos Desafios da Sociedade Globalizada**

O mundo atual vive a era da globalização, não que a mesma tenha começado a existir somente agora, já que esse fenômeno data de longos tempos, pois segundo alguns historiadores, sua origem se deu desde o momento da Pré – História e ganhou destaque com as Grandes Navegações, ou seja, no século XV e XVI.

Hoje, com a aceleração do processo de globalização, o tema que ganha grande destaque é o capitalismo, que por sua vez se reflete em outros temas, como nação e nacionalidade, regime político e projetos nacionais, grupos e classes sociais, economia e sociedade, cultura e socialização.

A globalização produziu diversos efeitos no mundo, efeitos esses que tem seu lado positivo e suas mazelas, pois ao mesmo tempo em que ela inclui, também provoca exclusões e “a globalização é um processo simultaneamente civilizatório, já que desafia, rompe, subordina, mutila, destrói ou recria outras formas sociais de vida e trabalho,

compreendendo modo de ser, pensar e agir, sentir e imaginar” conforme afirma Ianni (2001, p.13).

O mundo foi unificado, em alguns momentos, lentamente e hoje, com a rápida evolução da tecnologia, de forma bastante rápida. Foram quebradas as barreiras entre os países e restam às pessoas ficarem atentas para o novo e diferente, para que não entrem na porcentagem das pessoas excluídas pelo novo sistema social, político e cultural (CASTELLS, 1997).

O processo da globalização não vem acontecendo de maneira uniforme, não se tratando de redistribuição das oportunidades em nível global, mas de outros processos de concentração das vantagens, nos quais o domínio do conhecimento e da tecnologia desempenha papel decisivo, passando a representar a vantagem comparativa mais central.

Em vista disto, o papel da escola é dar subsídios para que os aprendizes possam posicionar-se frente aos dispositivos tecnológicos, promovendo uma reflexão sobre as novas tecnologias, possibilitando professores e alunos a fazerem uso desses recursos dentro da unidade de ensino.

Nas escolas do futuro, os livros, os computadores, a conexão em rede e os meios audiovisuais deverão estar presentes em cada sala de aula, como recursos para aprendizagem das diferentes disciplinas e área de conhecimento (FILMUS, 2004, p.124).

O âmbito escolar poderá, dentro desta perspectiva de Tedesco, cumprir o seu papel de socializar o conhecimento e investir na qualidade do ensino. Isso se modificar sua prática, que muitas vezes, encontra-se fragmentada e que é individualista, talvez como reflexo da divisão social em que está inserida. Esta realidade apresenta contrastes e desafios, pois a escola se apropriará das tecnologias digitais que precisam ser

contempladas nas práticas pedagógicas dos professores, incidindo na formação de dois tipos de sujeitos: os críticos capazes de produzir tecnologias contemporâneas e os consumidores passivos de recursos tecnológicos.

Aos docentes, cabe o desafio de mudar o eixo de ensinar para optar pelos caminhos que levam ao aprender, sendo de suma importância que professores e alunos estejam num permanente processo de aprender a aprender, principalmente quando trazemos a Internet para o contexto escolar. Sobre a problemática do conhecimento e da aprendizagem no contato dessa nova mídia, Demo afirma (2001) que seremos envolvidos por ela e que devemos ter dela o devido controle epistemológico e democrático, sem inúteis resistências e entusiasmos acríticos.

Sendo a tecnologia filha do conhecimento, abrigando todas as suas contradições, em particular a dialética em torno de questionamentos da ignorância ou da ciência, que fala da verdade, mas se refere ao poder, surgem as transformações em vários campos da sociedade.

Mirian Grinspun (1999) traça um perfil do atual processo educacional e das transformações que ele vem sofrendo com o avanço das novas tecnologias. Ela ressalta que se trata de um momento em que a educação tem que mudar para atender às novas inquietações dos seres humanos, e os objetivos têm que ser mais amplos, com ênfase na formação de um cidadão mais crítico, reflexivo e consciente de seu papel na sociedade e não apenas preocupado com a diversidade de conteúdos e transmissão de conhecimentos.

Nessa era da tecnologia da informação e do conhecimento, o indivíduo tem que aprender a lidar com os diferentes recursos tecnológicos, adaptar-se a eles para que seja capaz de manejá-los, compreendê-los e se relacionar de maneira que faça bom uso deles a serviço da ciência, do progresso e do desenvolvimento, não esquecendo os valores

sociais e humanos que envolvem as relações entre eles. Ao pensar a educação nesse tempo de pós-modernidade, temos que estar atentos à velocidade das mudanças dos processos tecnológicos para que nós possamos superar as dificuldades impostas pelas novas exigências das relações sociais.

## **2.1 As Práticas Pedagógicas diante do Uso das Novas Tecnologias**

A Lei nº9394/96 (Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional), em vários momentos, faz alusão à educação tecnológica, esta que tem servido para dominar a natureza, adaptar o mundo às necessidades do ser humano ou ampliar suas capacidades. Este processo gerou novos problemas de dominação parcialmente explícitos, novas dependências, deficiências, formas de analfabetismo ou diferenças culturais, conforme afirma Candau (2004, p.84):

Os cuidados pedagógicos desenvolvidos nas escolas são questionados e o sistema educacional brasileiro sofre diversas críticas diante da falta de habilidade e sensibilidade em lidar com o sério problema da escola onde vivem crianças e jovens diferentes.

Em geral, entre os docentes há bastante ceticismo em relação às sucessivas reformas curriculares, principalmente porque o discurso da melhoria da qualidade do ensino não vai, em geral, acompanhado de medidas efetivas de aperfeiçoamento das condições de trabalho dos docentes. Cabendo os mesmos reconhecerem que tais avanços por si só ainda não são suficientes, é preciso compreendê-los como parte de uma trajetória permanente, cujo sentido primordial é o de manter a originalidade de nossas formas de existir.

Apenas o professor poderá, enquanto elemento que filtra em última análise todo sistema escolar, educativo e social, estabelecer a ponte entre as diversas culturas presentes, pelo confronto positivo entre as mesmas, pela resolução auto-regulada dos

conflitos cognitivos e culturais. É este papel de aproximação e comunicação do professor com a "mente cultural" das diversas comunidades que certamente enriquecerá o contexto educacional.

Ao docente, caberá fazer da escola um espaço de pluralismo cultural, de expressão e afirmação prática de referências e identidades, como ponto de partida e núcleo estruturador dos percursos e processos de aprendizagem dos alunos. Cabe a ele resolver o conflito entre globalização e diversidade, através do respeito pelas identidades e especificidades regionais, locais e pessoais que apenas consolidarão a integração e a coesão social. Assim, os discentes poderão acessar as informações disponibilizadas no universo da sociedade do conhecimento, descobrindo, transformando e produzindo conhecimentos.

Sob a visão de Behrens (2004), a abordagem pedagógica com a valorização da aprendizagem colaborativa depende de professores e dos gestores da educação, que deverão tornar-se sensíveis aos projetos criativos e desafiadores, redimensionando a metodologia oferecida dentro da sala de aula, contemplando atividades que ultrapassem as paredes da sala, dos laboratórios e dos muros das universidades. Assim, usuários da rede de informação deverão ser iniciados como pesquisadores e investigadores, com o objetivo de resolver problemas concretos que ocorre no cotidiano de suas vidas, pois a aprendizagem precisa ser significativa, desafiadora, problematizadora e instigante, a ponto de mobilizar aluno e grupo a buscar soluções possíveis para serem discutidas e concretizadas à luz de referências teóricos – práticos.

Segundo Sancho (2006), para que ocorra educação tecnológica de qualidade, os professores, em geral, deveriam estar altamente motivados. Assim, as condições seriam muito favoráveis, com inclusão de grupos de aprendizagens, projetos de pesquisas, formação permanente dos educadores, atividades de grupos e trocas profissionais,

possibilitando uma aprendizagem colaborativa entre os docentes para, em seguida, os mesmos a passem esta para os discentes. A autora defende que:

O papel da educação deve voltar-se também para a democratização do acesso ao conhecimento, produção e interpretação das tecnologias, suas linguagens e conseqüências. Para isto torna-se necessário preparar o professor para utilizar pedagogicamente as tecnologias na formação dos cidadãos que deverão produzir e interpretar as novas linguagens do mundo atual e futuro. É este o sentido de defender a necessidade de alfabetização tecnológica para o professor (SAMPAIO 1999, p.15).

Dentro da perspectiva de que o professor é o mediador do conhecimento e para isto precisa de qualificação profissional, Sampaio e Leite (1999) propõem a educadores uma qualificação profissional na área tecnológica, de maneira que estes se descubram como profissionais em permanente aprendizagem e transformação, para que os mesmos, junto aos alunos, descubram, compreendam e contribuam, criando condições para que os discentes em contato crítico com as tecnologias não se deixem dominar.

O objetivo é que escola e tecnologia atendam às necessidades humanas na era da informação, instigando educandos a pensarem criticamente, resolverem problemas através da aprendizagem cooperativa, pois em pleno século XXI a era tecnológica digital alterou completamente o cotidiano das pessoas e, conseqüentemente, do ambiente em que vivemos. Portanto, os reflexos dessa revolução fazem com que as pessoas se adaptem às novas tecnologias para que não tenham problemas futuros no mercado de trabalho, que exige novos conhecimentos e habilidades.

### **3. O Hipertexto como Construção do Conhecimento**

Hipertexto, suporte lingüístico semiótico que na atualidade é intensamente utilizado para estabelecer interações virtuais pelo fato de estar relacionado à evolução da tecnologia computacional. Devido a isto, tem o objetivo de auxiliar o ser humano na



questão de aquisição e assimilação de conhecimento, pois tal como o cérebro humano ele não possui uma estrutura hierárquica e linear, sua característica seria uma forma de organização em rede.

O sistema de hipertexto, que atualmente seria o mais conhecido, é o World Wide Web, sendo que a internet não é o único suporte onde este modelo de organização da informação e produção textual se manifesta, pois a representação hipertextual da informação independe do meio, podendo acontecer seja em uma enciclopédia, na Bíblia, em obras infantis, a exemplo das obras de “Ziraldo”, que deixam explícito a presença do hipertexto, pois fazem com que o leitor busque em outras obras o fim da história lida e mostra caminhos para o melhor desfecho da obra.

Dentro desta perspectiva, o hipertexto é uma forma de estruturação textual que faz do leitor simultaneamente um co-autor do texto, oferecendo-lhe a possibilidade de opções entre caminhos diversificados, de modo a permitir diferentes níveis de desenvolvimento e aprofundamento do tema como afirma Koch (2003).

Segundo KOCH (2006), no hipertexto estão presentes diversas características, dentre as mais importantes estão: a linearidade, que geralmente é considerada a característica central; a volatilidade devido à própria natureza do suporte; a espacialidade topográfica, por se tratar de um espaço de escritura; ou seja, a leitura sem limites definidos, não hierárquica; fragmentariedade, visto que não possui um centro regulador imanente; multissemiótica característica que viabiliza a absorção de diferentes apartes sócio e sensoriais numa superfície de leitura. A interatividade também consiste umas características devido à relação com deslocamento indefinido de tópicos surge a descentralização, embora não se trate de um agregado aleatório de fragmentos textuais.

O hipertexto é muito apropriado para a representação de informações no computador por dois motivos: subdividir um texto em trechos coerentes e relativamente curtos facilitando a sua organização e compreensão e permitir uma fácil referência a outras partes do texto ou a outros textos totalmente indispensáveis, muitas vezes armazenados em locais distantes criando uma característica própria da leitura e informação.

É bastante pertinente a utilização da ferramenta hipertexto na educação, pois o trabalho com o mesmo pode impulsionar o aluno à prática da pesquisa e da produção textual. Ele também pode e deve ser utilizado como ferramenta de ensino e aprendizagem, como mais um elemento facilitador de um ambiente no qual a aprendizagem acontece por descoberta, de forma incidental. Ao tentar localizar uma informação, os usuários de hipertexto participam ativamente de um processo de busca e construção de conhecimento produzindo assim uma aprendizagem significativa e transferível.

“A identidade do hipertexto virtual se dá na presença e utilização de seus constituintes internos: os nós e links” como afirma Cavalcante (2005, p.166). Os hiperlinks são elos que permitem ao leitor uma vinculação mútua entre pessoas e instituições integrando-o na teia virtual dos saberes.

O leitor realiza, livremente, desvios, fugas, saltos instantâneos para outros locais virtuais da rede, de forma prática, cômoda e econômica e “A distância de um indivíduo a outro, de uma idéia a outra passa a ser medida por céleres clicks de mouse sobre estas inteligentes engenhocas digitais” (Xavier, 2002). Assim, os links são de suma importância na construção de sentido dos textos virtuais. Os mesmos podendo ser fixos ou móveis. O primeiro, com espaço estável e constante no site e o segundo, com a

função de flutuar no site, variando a sua aparição conforme a conveniência do enunciador.

Há diferenças óbvias entre o hipertexto e o texto impresso, o primeiro por ser virtual, pode ser acessado em tempo real por uma multidão de indivíduos simultaneamente e o segundo por ser concreto e ter acesso limitado.

Todo texto impresso pode ser um hipertexto, mas nem todo hipertexto pode ser um texto impresso. O fato de conseguirmos imprimir um texto não significa que ele seja conversível a texto impresso, pois a impressão não preserva a sua natureza essencialmente virtual, além de não lhe garantir outras qualidades inerentes como ubiquidade, acessibilidade ilimitada e a presença de outras mídias como som e as imagens em movimento em sua superfície virtual (XAVIER, 2001, p.175).

Dentro desta perspectiva, a página impressa é altamente seletiva, pois já vem predestinada na forma de leitura de notas, consultas a outros livros remetidos pela página, identificação de fontes que muitas vezes nos obrigam a buscar outros livros, seja na biblioteca ou a comprá-los na livraria. Já o computador, através da WEB, permite que o acesso ao conhecimento tenha maior agilidade e menor esforço para buscá-lo.

Com o surgimento do hipertexto virtual, o campo que ganha maior destaque é a leitura, esta que desempenha a incorporação do indivíduo no processo de recriação cultural, fazendo com que o leitor possa sentir-se no presente um possuidor do passado, pois ler é desenvolver a racionalidade e ampliar a consciência.

A conscientização de que leitura é uma atividade na qual se deva levar em conta as experiências e os conhecimentos do leitor é fruto dos ensinamentos de Paulo Freire (1987, p, 11) que afirma: “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele”. Para reforçar essa idéia de Paulo Freire, tomamos a seguinte reflexão presente nos Parâmetros Curriculares Nacionais da Língua Portuguesa (PCNs, 1988, pp.69-70):

A leitura é o processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de compreensão e interpretação do texto, a partir de seus objetivos, de seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a linguagem etc. Não se trata de extrair informação, decodificando letra por letra, palavra por palavra. Trata-se de uma atividade que implica estratégias de seleção, antecipação, inferência e verificação, sem as quais não é possível proficiência. É o uso desses procedimentos que possibilita controlar o que vai sendo lido, permitindo tomar decisões diante de dificuldades de compreensões, avançar na busca de esclarecimentos, validar no texto suposições feitas.

A leitura de textos deve provocar interação de sujeitos sociais, pois os mesmos constituem e são constituídos. O que tem que se ter em mente é o verdadeiro sentido e significado da Leitura. Questões como saber o que ler, para que se ler e como se ler devem fazer parte do questionamento do leitor.

A leitura não deve ser uma mera atividade reprodutora do saber, pois se o leitor se detém somente no foco do texto ou no foco do autor ele estará realizando uma simples reprodução do que foi lido. Para que se pratique a verdadeira leitura, o leitor deve fazer sua leitura com foco na interação autor-texto-leitor, assim a mesma se tornará uma atividade interativa altamente complexa de produção de sentido que se realiza na superfície textual e na sua forma de organização.

Essa relação de interatividade torna-se ainda mais intensificada quando a leitura é praticada através do hipertexto, pois é o leitor que decide os caminhos a seguir, desvinculado de ordem, ou seja, ele mesmo constrói sua trajetória atendendo a sua necessidade.

Uma visão positiva sobre os usos da Internet a ser destacada aqui é a de Marcuschi (2004, p.145), o qual defende que:

(...) o meio digital faz com que jovens envolvidos por interação no canal virtual escrevam com liberdade e percebam que a escrita pode ser aceita e entendida, pode gerar compreensão na área digital, desfazendo a crença imposta principalmente por instituição de ensino de que apenas a notação escrita “correta”, das palavras.

#### **4. CONCLUSÃO**

Este artigo teve como objetivo trazer a proposta de se ampliar o conhecimento a respeito do Hipertexto, este como instrumento motivador da prática da leitura, tendo o professor como mediador desse processo, a partir de uma prática pedagógica consciente, permeada pelos usos das novas tecnologias, as quais o indivíduo deve dominar.

Concluimos que para fazer uso do Hipertexto na prática pedagógica de maneira eficaz, é primordial que o profissional docente esteja preparado tanto teórica quanto metodologicamente, para que, junto aos seus educandos, construam conceitos para aplicação de saberes que tenham como sólida base a leitura, esta se trabalhada de maneira correta, com seu foco baseado na interação autor- texto- leitor.

O Hipertexto, tão presente nas relações de leitura na contemporaneidade, é ou pode se tornar uma interessante ferramenta de estudo, desde que a escola entenda suas potencialidades quando usado no contexto de aquisição e produção do conhecimento e de produção textual.

Com isso, a escola hoje precisa assumir uma nova postura, a de mediadora do aprendizado dos alunos e estar sintonizada com o caráter digital/virtual da nossa sociedade globalizada. Pensar nas aulas de Língua Portuguesa, por exemplo, tendo a Internet como espaço de leitura, através dos hipertextos e de produção textual, pode ser um dos passos a serem tomados no sentido de genuinamente motivar nossos alunos a escrever, a construir conhecimento.

## REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais:** terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CANDAU, Vera Maria F. **Formação continuada de professores:** tendências atuais. In: CANDAU, V. M. F. (Org.). Magistério: Construção Cotidiana. Petrópolis: Vozes, 1997.

COSCARELLI, Carla, RIBEIRO, Ana Elisa (Org.). **Letramento digital:** aspectos sociais e possibilidades pedagógicas. Belo Horizonte: Ceale: Autêntica, 2005.

DEMO, Pedro. **Tecnologia em educação e aprendizagem.** In: DEMO, Pedro. Conhecimento e aprendizagem na nova mídia. Brasília: Editora Plano, 2001.

FILMUS, Daniel. Breve reflexão sobre a escola do futuro e apresentação da experiência “aulas na rede”. In: TEDESCO, Juan Carlos. **Educação e novas tecnologias.** São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto de Planejamento de la Educacion; Brasília; UNESCO, 2004.

GONÇALVES, Hortência de Abreu. **Manual de artigos científicos.** São Paulo: Editora Avercamp, 2004.

GRINSPUN, Mirian P. S. Zippin (org). **Educação tecnológica:** desafios e perspectivas. São Paulo: Cortez, 1999.

IANNI, Octavio. **A era do globalismo.** 5ªed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2001.

IBERNÓN, Francisco (org.). **A educação no século XXI:** os desafios do futuro imediato, trad. Ernani Rosa. 2.ed. Porto Alegre: Artes Médicas do Sul, 2000.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência.** Rio de Janeiro: Ed.34, 1993.

KOCH, Ingedore Villaça. **Leitura, texto e sentido**. In: KOCH, Ingedore Villaça. Ler e compreender: os sentidos dos textos. 2ª ed, 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.

KOCH, Ingedore G. Villaça. **Texto e Hipertexto**. In: Koch, Igedore G. Vilaça. Desvendando os segredos do texto. 5ª Ed. São Paulo: Cortez, 2006.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Gêneros Textuais emergentes no contexto da tecnologia digital**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

MORAN, José Manuel. **Novas tecnologias e mediação pedagógica/ José Manuel**

Moran, Marcos T. Masetto, arilda Aparecida Behrens. Campinas, SP: Papyrus, 2000.

SAMPAIO, Marisa Narcizo, LEITE, Lígia Silva. **Alfabetização tecnológica do professor** . 2ª ed. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1999.

SANCHO, Juana Maria. **Tecnologia para transformar a educação**. Porto Alegre: Artimed, 2006.

TEDESCO, Juan Carlos (org.). **Educação e novas tecnologias**. São Paulo: Cortez; Buenos Aires: Instituto de Planejamento de la Educacion; Brasília; UNESCO, 2004.

XAVIER, Antônio Carlos. 2001. Processos de referenciação no hipertexto. **Cadernos de estudos lingüísticos do IEL** (Instituto de Estudos Lingüísticos). Universidade de Campinas. Jul./dez., PP.165-176.